

DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv7n1c8>

AS REVIRAVOLTAS DA ADOÇÃO DO VALOR SIMBÓLICO NO GRUPO CULTURAL OLODUM

The overturns of symbolic value adoption at the Cultural Group Olodum

EDUARDO DAVEL – davel.eduardo@gmail.com

Unversidade Federal da Bahia – Salvador, BA, Brasil

JOYCE NERI DOS REIS NEVES – joyce.nrn@gmail.com

Unversidade Federal da Bahia – Salvador, BA, Brasil

Submissão: 07/02/2017 | Aprovação: 31/03/2017

Resumo

Este caso de ensino proporciona uma aprendizagem voltada para: (a) a identificação dos significados socioculturais de uma organização, (b) o entendimento de como a adoção de símbolos (com base em construção de parcerias) afeta a identidade organizacional e a gestão de seu valor simbólico e (c) a discussão dos desafios oriundos de uma gestão baseada na adoção de signos. O caso consiste na história de descobertas de Gabriel, estudante de administração que, ao estagiar no Grupo Cultural Olodum, conversa com várias pessoas estratégicas, pois vivenciaram momentos decisivos na história da organização. São momentos significativos que contam com a parceria de algumas celebridades no setor da música nacional e internacional. A cada entrevista, vamos conhecendo mais as virtudes e as reviravoltas inerentes ao processo de gestão do valor simbólico, sobretudo no que tange a adoção de signos.

Palavras-chave: valor simbólico, adoção simbólica, gestão, significados culturais, Olodum

Abstract

This teaching case allows us to develop a learning process focused on: (a) the identification of an organization's sociocultural meanings, (b) the understanding of how the adoption of signs (based on the partnership building) affects the organizational identity and its symbolic value management, and (c) a debate about the challenges issued from a management process based on the adoption of signs. The case refers to the discoveries of Gabriel, an undergraduate student of management, who works as an intern at the Olodum Cultural Group. He talks to strategic people as they have experienced important moments in the organization's history. These are significant moments, accounting on the partnership with several national and international celebrities from the music sector. In each interview, we get to know a little better the virtues and overturns inherent to the process of managing symbolic value, specially the sign adoption.

Keywords: symbolic value, symbolic adoption, management, cultural meanings, Olodum

Gabriel e seu estágio no Olodum: Uma nova tarefa desafiadora

Gabriel, 22 anos, é estudante do penúltimo semestre do curso de administração e estagia no Grupo Cultural Olodum há um mês. O estudante havia sido contratado para um novo projeto da organização, mas ainda não sabia bem o que seria. Era uma segunda-feira, logo após o horário do almoço, quando Gabriel foi chamado por seu chefe, Jorge, conselheiro da organização, em sua sala.

Ao entrar na sala, Jorge explica a Gabriel que a nova tarefa sob sua responsabilidade é muito importante e vai afetar o futuro da organização. Ao perceber o susto que o rapaz havia levado, Jorge explicou:

– Estamos passando por um momento de reestruturação e precisamos adotar uma nova estratégia de gestão. Para isso, preciso que você identifique qual forma de gestão utilizamos no passado e, a partir disso, nos proponha algo novo. Você sabe como as coisas estão mudando rápido, e nós precisamos nos manter atualizados para a sobrevivência do nosso grupo.

– Por onde posso começar? – indagou o jovem.

– Bom, uma das suas tarefas é descobrir!

Após o encontro com seu chefe, Gabriel começou a pensar de que forma coletaria as informações de que precisava. Naquela tarde, iniciou uma pesquisa, focando as parcerias que o Olodum havia realizado no passado. “Meu Deus! Foram tantas parcerias que nem sei por onde começar!” – pensou o rapaz. Em sua história, o Olodum construiu diversas parcerias, e todas pareciam relevantes. O jovem sabia que o Olodum era um grupo reconhecido mundialmente por seu trabalho, mas não sabia bem como o grupo havia conseguido tal feito.

Apesar da insegurança inicial, ele estava empolgado com a nova tarefa. Amante da percussão e música baiana, Gabriel achava uma oportunidade maravilhosa trabalhar no Olodum. Muito responsável e organizado, queria realizar um trabalho de qualidade, afinal estava próximo de terminar a faculdade, e essa poderia ser a sua chance de garantir um emprego ao final do seu contrato de estágio. Para ele, trabalhar no Olodum era uma oportunidade de colocar seus conhecimentos de administração em prática em uma organização que trabalhava com uma das coisas de que mais gostava.

Depois de muito pensar, Gabriel chegou ao estágio no dia seguinte sabendo como começaria seu trabalho. Ao rever a pesquisa feita na tarde anterior, ele percebeu que, embora todas fossem importantes, algumas parcerias foram mais marcantes na história do grupo do que outras. Então, resolveu conversar com algumas pessoas na organização para descobrir mais sobre elas. Gabriel pensou em conversar com integrantes antigos e novos para saber quais parcerias haviam sido determinantes na estratégia de gestão do grupo. Além disso, ele também achou que seria interessante conversar com os consumidores do Olodum para conhecer sua visão sobre o assunto. Após fazer uma lista de potenciais entrevistados, Gabriel deu início ao trabalho.

Antônia, a primeira conversa: “O Olodum deixou de ser local e virou global”

Ainda naquela tarde, Gabriel deu início às suas entrevistas. A primeira conversa foi Antônia, secretária do presidente e integrante da organização desde 1989. Nina, como era conhecida na organização, sempre foi uma integrante dedicada e ativa nas causas promovidas pelo Olodum. Além de trabalhar como secretária, atuava no setor de *marketing* do grupo.

A primeira pergunta de Gabriel foi bastante direta:

– O que o Olodum significa pra você?

– Empoderamento. – respondeu a senhora. – Valorização do negro, do ser humano, da música, da vida. Começamos sem nada e hoje exibimos força, talento e poder, somos motivo de orgulho para o povo negro.

– E para o seu consumidor? Aquele que utiliza os produtos que o Olodum oferece?

– Ih, meu filho... Para a maioria das pessoas, o Olodum é só a banda. Não acho ruim, ela não deixa de ser uma das formas de expressão da nossa luta. Mas é triste que muita gente ainda desconheça a grandeza do Olodum, que vai muito além da música. Para o consumidor, o Olodum é um som vibrante, que faz o chão tremer. Mais do que música, é uma forma única de expressão.

– Nina, você acredita que as parcerias que o Olodum estabeleceu no passado contribuíram para a sua imagem ser reconhecida?

– Com certeza! Todas as parcerias que fizemos até hoje foram com o intuito de trazer benefícios não só para o grupo, mas para os parceiros também. Fizemos parcerias com grandes nomes da música, da política, de diversos segmentos. Isso ajudou a fortalecer nosso trabalho e tornar nosso nome conhecido. Mas, ainda hoje, o Olodum clama por reconhecimento e valorização. Somos mais valorizados fora do País do que na nossa própria cidade.

Ao ouvir a resposta de Nina, Gabriel ficou surpreso. Acreditava que o Olodum era amplamente conhecido e valorizado, mas logo lembrou que, antes de iniciar sua pesquisa, ele mesmo sabia pouco sobre o grupo. Sem deixar que seu espanto o abalasse, seguiu para a próxima pergunta.

– Qual parceria você considera mais marcante na trajetória do grupo? – perguntou o rapaz.

– Olha, pra mim foi a parceria com Paul Simon, lá em 1990. No início, nós resistimos muito em colaborar com artistas americanos. Tínhamos resistência em relação ao capitalismo nos EUA, e isso nos impediu de enxergar as oportunidades. Quando vimos que era uma boa oportunidade de aprendizado e expansão da nossa causa, nós mergulhamos de cabeça. Pouco depois, surgiu a oportunidade de gravar uma música e um clipe com o cantor Paul Simon. Ele até veio aqui, na Bahia, gravar com Neguinho do Samba, você acredita? Graças a ele, levamos o nome do Olodum, do Pelourinho e da nossa Comunidade do Maciel para fora do Brasil pela primeira vez.

– Como foi que vocês conseguiram essa parceria?

– Totalmente por acaso! Paul Simon estava aqui na Bahia e viu o nosso ensaio... Logo aí, ele já quis gravar com a gente!

– Nina, essa parceria acabou aí ou gerou novas parcerias?

– Nós não tivemos mais parceria com Paul depois daquela época. Mas, graças a ele, tivemos a oportunidade de conhecer o diretor de cinema Spike Lee. Você sabe, não é? Ele dirigiu o clipe que Michael Jackson gravou aqui no Pelô. Esse foi o momento em que o Olodum deixou de ser local e virou global.

– As parcerias que vocês fizeram geraram algum tipo de dificuldade? – indagou Gabriel, deixando escapar a curiosidade na voz.

– Ah, se trouxe! Nós fomos muito criticados pela mídia, pelos intelectuais, pela população negra e até pelos outros grupos afro. Diziam que o Olodum tinha se “agringolado”, é mole?! Muita gente dizia que o Olodum tinha perdido as suas raízes, porque fazia parceria com pessoas que não tinham conexão com a luta negra e que deixava qualquer pessoa participar do grupo. Muita gente criticando Paul Simon... É um grande equívoco. O Olodum é para todo mundo, não tem isso de ser só para negro ou para branco, não! Esse povo inventa é arte, viu! – disse a senhora enfaticamente, visivelmente irritada com a lembrança.

– Como assim? Criticaram Paul Simon?

– A mídia, na época, falava muito que ele veio explorar nossa musicalidade para esconder a falta de capacidade dele... Disseram que ele mal sabia distinguir a gente do outro grupo com que ele fez parceria aqui no Brasil na mesma época. Mas não acredito nisso.

– Para finalizar, você tem alguma outra lembrança sobre essa parceria?

– Essa parceria trouxe muita coisa boa para a gente, sabe? Trouxe oportunidades que nunca iríamos imaginar. Hoje, temos várias parcerias nos Estados Unidos com escolas, universidades, tocamos em vários festivais... Essa parceria não levou o nosso nome só para lá, mas para os quatro cantos do mundo.

Gabriel agradeceu a participação de Nina e encerrou a primeira conversa. Embora tenha sido rápida, Gabriel achou a contribuição bastante enriquecedora para seu trabalho e ficou empolgado com as próximas conversas que realizaria. Olhou para o relógio e já eram 16 h, precisava acelerar. Ele ainda tinha mais uma conversa marcada naquela tarde.

Matheus, a segunda conversa: “Tá tudo interligado”

Ao saber que o próximo entrevistado não poderia atendê-lo por conta de um imprevisto, Gabriel achou que perderia uma tarde de trabalho. Resolveu sair para comprar um lanche e, quando voltou, encontrou um ex-aluno da Escola Olodum conversando com o recepcionista. Gabriel não perdeu tempo, e logo perguntou ao jovem se poderia entrevistá-lo. Embora não tivesse um roteiro de entrevista preparado para o rapaz, achou que não poderia perder a oportunidade. O rapaz ouviu a explicação de Gabriel sobre o trabalho que estava fazendo e concordou em conceder a entrevista.

– Matheus, muito obrigado por aceitar ser entrevistado. – falou o rapaz, mostrando-se genuinamente grato.

– De nada!

– O que o Olodum significa para você?

– Olodum é uma forma de resistência pela arte. É um instrumento de manutenção da população negra, de empoderamento do povo negro, especialmente no Carnaval. Mostrou que a população menos favorecida tem o direito de curtir o Carnaval como qualquer folião, de qualquer bloco.

– Você sabe que o Olodum firmou diversas parcerias ao longo de sua história. Quais foram as mais marcantes para você?

– Sim, tenho conhecimento. Enquanto estive na escola, o Olodum fez várias parcerias interessantes com artistas, grupos de intercâmbio, instituições... Sem falar nas parcerias feitas na música. Lembro de uma parceria com a cantora australiana Sia, para as Olimpíadas no Rio de Janeiro. Entre todas as parcerias feitas, eu destacaria as parcerias com Paul Simon, em 1990, e com Michael Jackson, em 1996, que firmaram o Olodum em uma repercussão internacional. Ouvi dizer que a parceria com Michael veio depois de um contato com Spike Lee, o diretor de cinema, que foi apresentado ao Olodum por Paul Simon. Tá tudo interligado! – comentou o rapaz, rindo.

– Você acredita que essas parcerias tiveram alguma influência na imagem da escola?

– Sim! Essas parcerias ajudaram o Olodum a adquirir visibilidade internacional, e isso, além de outros diversos fatores, ajuda a validar o trabalho realizado pela escola. Elas ajudaram a valorizar o currículo do aluno da escola, ao tornar a organização Olodum, como um todo, mais reconhecida. Nosso currículo se torna valorizado dentro e fora do País, graças à instituição ser de grande renome e ter se tornado referência no que faz.

– Você sabe se essas parcerias geraram algum tipo de dificuldade para o Olodum?

– Acredito que não. Sei muito pouco sobre isso. Na época em que essas parcerias aconteceram, eu não era nem nascido. Apesar disso, sei que essas parcerias ajudaram a levar o *samba-reggae* para o mundo. Foi bastante elogiado. A mídia chegou a criticar um pouco, dizendo que o Olodum estava perdendo sua raiz e se vendendo.

– Para finalizar, você se lembra de algo mais sobre as parcerias com Paul e Michael?

– Sobre a de Paul Simon eu sei pouco, mas a com Michael até hoje rende frutos. Quando ele morreu, a mídia nacional e internacional voltou seus olhos novamente para a gente. A mídia muitas vezes insiste em ignorar o Olodum. Tivemos uma baixa de popularidade nos últimos anos. Mas, nesse dia, os telefones não paravam de tocar aqui na sede. Foi uma forma muito infeliz de voltar à mídia, mas foi uma oportunidade para que uma nova geração de pessoas em vários lugares do mundo pudesse conhecer o Olodum.

Embora curta, a entrevista havia sido produtiva. Gabriel agradeceu a Matheus mais uma vez e encerrou o seu expediente do dia. Voltou para casa e confirmou as entrevistas do dia seguinte. Agora era o momento de conversar com os consumidores do Olodum.

Daniela, a terceira conversa: “Virei fã de carteirinha depois disso”

No dia seguinte, assim que chegou ao estúdio, Gabriel ligou para a próxima entrevistada. Daniela, a “Dani”, é amiga de Gabriel há oito anos, tem 35 anos e era fã do Olodum desde que se entendia por gente. Formada em enfermagem, está cursando a segunda graduação em canto, sua verdadeira paixão. Dani conheceu Gabriel por meio de um amigo em comum. Ela é conhecida entre os amigos como uma grande apreciadora e defensora da cultura baiana. Ao saber do trabalho que o amigo estava fazendo, ficou extremamente empolgada e pediu que ele a entrevistasse.

– Alô, Dani? Podemos começar?

– Claro! – respondeu a jovem, animada.

Nessa conversa, Gabriel queria saber sobre a influência das parcerias no comportamento do consumidor, outra vertente importante para a nova estratégia que precisava montar.

– Dani, o que Olodum representa pra você?

– Poxa... – ela respondeu pensativa. – O Olodum é muita coisa, sabe? É tradição, mas ao mesmo tempo é inovação. É arte, mas ao mesmo tempo é social... Você está me entendendo? Para mim, o Olodum oferece algo que nenhum outro grupo oferece. É uma experiência diferente, um som único, uma sensação diferente. Só quem experimenta sabe como é. Não dá pra explicar.

– Como você percebe o Olodum em relação às parcerias que fez no passado?

– Souberam aproveitar bem as oportunidades. Acho que o grupo é o que é hoje por causa dessas parcerias. Não sei se foram intencionais ou não, mas elas renderam coisa boa, com certeza.

– Para você, qual foi a parceria mais marcante?

– Michael Jackson, sem sombra de dúvida. – afirmou, categoricamente. – Eu lembro até hoje. Foi em 1996. Eu tinha 15 anos na época. O Olodum não era gigante como é hoje. Quando eu soube que Michael Jackson tinha gravado com o Olodum e, melhor ainda, no Pelourinho, eu fiquei louca! Foi surreal. Eu nunca ia imaginar que Michael Jackson viria ao Brasil naquela época, muito menos ao Centro Histórico de Salvador. Aquela batida é inconfundível, e ficou marcado na cabeça Michael gritando de braços abertos, em pleno largo do Pelourinho.

– Você acredita que essa parceria afetou a imagem do Olodum?

– Oxe, com toda certeza! Eu virei fã de carteirinha depois disso. Antes desse clipe, eu mal conhecia o trabalho do Olodum. Acredito que era assim para muitos, mesmo sendo de Salvador. Esse clipe estreou no *Fantástico* para o País todo ver. Estreou no mundo todo. Eu virei tiete. Vou para todos os *shows* que eles fazem por aqui, compro todos os CDs, tenho camisa, chaveiro, pôster... Para mim, não tem parceria mais marcante. Tenho amigos estrangeiros que vêm a Salvador porque são fãs do Olodum. Acho que essa parceria ajudou muito na divulgação do nome e da imagem do grupo, além de divulgar o Brasil e a nossa cidade.

– O que você acha do preço cobrado pelos produtos e serviços do Olodum?

– Olha, não é barato, mas também eles oferecem um serviço diferenciado. Eles oferecem uma experiência que nenhum outro grupo consegue oferecer. Considero os preços razoáveis.

– Você acha que essa parceria influenciou o comportamento do consumidor do Olodum?

– Conheço estrangeiros que passaram a consumir as produções do Olodum depois de ver o clipe de “They Don’t Care About Us”. Muito brasileiro também virou fã depois de ver esses momentos marcantes do Olodum. Michael foi uma parceria que arrecadou uma legião de fãs, imagine agora todas as outras parcerias que eles fizeram? Com certeza influenciaram o comportamento de consumo de muita gente. Que outro grupo afro conseguiu algo similar?

Após a conversa com Daniela, Gabriel deu-se conta de que falar com consumidores era importante. Dani levantou pontos em que ele ainda não havia pensado, e Gabriel ficou surpreso com a influência que a parceria com Michael Jackson teve no comportamento da amiga.

Bob, a quarta conversa: “Não me fez consumir mais nem menos”

Gabriel havia agendado outra entrevista naquela tarde pelo Skype. O próximo entrevistado era outro consumidor, Bob, indicado por um colega da faculdade por gostar muito de Carnaval. Bob é americano, mora em Los Angeles, é formado em arquitetura, tem 27 anos, é muito extrovertido e vem todos os anos ao Brasil para ver o Olodum desfilar no Carnaval. O rapaz havia morado em Salvador dos 10 aos 20 anos, por conta de uma transferência de trabalho do pai, e voltou para sua terra natal quando foi aprovado em uma universidade americana. Gabriel não falava inglês, mas, por conta do seu tempo no Brasil, Bob falava bem o português.

– O que o Olodum representa para você?

– O Olodum sumariza o que é o Carnaval de Salvador, ou, pelo menos, o que deveria ser. Gosto do trabalho que eles fazem com base na raiz africana, de valorização do negro e da comunidade de onde eles vêm, de levar isso para a avenida por meio da música. Eles representam a tradição da cultura negra no Carnaval, mas sem ficarem obsoletos. Além desse valor cultural, o som é contagiante! Qualquer pessoa, inclusive um estrangeiro, se ouvir o Olodum tocar, vai querer saber o que é. Comigo foi assim. Independentemente das mudanças que o Carnaval teve ao longo dos anos, o Olodum continua firme e forte.

– Como você percebe as parcerias que o Olodum fez no passado?

– Não me lembro de nenhuma parceria que eles fizeram... – respondeu o rapaz. – Aliás, lembro sim! A com Michael Jackson!

– Essa parceria foi, então, a mais marcante?

– Michael Jackson foi a única divulgada amplamente e que ficou marcada na minha memória. Foi em 1996, e eu tinha sete anos na época. Ainda não morava no Brasil, mas lembro bem. Não foi só uma música com Michael Jackson, eles gravaram um clipe. Hoje todos têm acesso ao clipe; ficou eternizado. Mesmo que a pessoa não esteja procurando pelo Olodum, que esteja procurando só por Michael, o Olodum ocasionalmente vai aparecer.

– Você acredita que essa parceria afetou a imagem do Olodum?

– Afetou o público que não trabalha com percussão, mais *mainstream*. Foi importante para tornar a música deles mais popular. Eles conseguiram aliar a tradição cultural deles, de música de rua, ao sucesso comercial. Conseguiram fazer parcerias e valorizar seus produtos sem perder a identidade.

– O que você pensa dos preços cobrados pelos produtos e serviços do Olodum?

– Eu acho caro... O sucesso internacional que alcançaram acabou tornando o produto menos acessível à população local. O *show* é mais de 80 reais, uma blusa é mais de 50! A maioria do público nos *shows* é turista, são os que compram as camisas. Em Salvador, poucos são os que consomem os produtos do Olodum. Quem está em Salvador não se preocupa se o Olodum tocou com Michael Jackson, que ter um preço mais acessível.

– Essa parceria influenciou o comportamento do consumidor do Olodum?

– Para mim, não mudou nada! – riu o jovem. – Ouço em casa, os acompanho desde pequeno no Carnaval. Enquanto morei em Salvador, ia aos ensaios de verão, continuo indo todos os anos vê-los no Carnaval, mas essa parceria não me fez consumir nem mais, nem menos. Eu consumo porque eles são os melhores dentro do seu gênero musical. Não consigo pensar em ninguém que tenha uma produção tão envolvente como a deles. Tenho muitos amigos aqui em Los Angeles que os associam a essa parceria, já foram ao Brasil para ver o Olodum e pagam o valor que cobrarem.

Gabriel agradeceu a participação de Bob e ficou feliz de ter outro ponto de vista sobre o assunto. Ao contrário de Daniela, Bob tinha uma visão bem diferente sobre as parcerias e seus impactos.

Marcelo, a quinta conversa: “Parecia impossível de acontecer”

No dia seguinte, Gabriel chegou à sede do Olodum e fez a próxima entrevista. Era com um conselheiro do Olodum, Marcelo, atuante no grupo desde 1980, que havia estado presente em parcerias marcantes, como as de Paul Simon e Michael Jackson. Após ser recepcionado por Marcelo na sala de reuniões, Gabriel deu início à entrevista.

– O que o Olodum significa para você?

– Valorização. – iniciou o senhor. – Isso é demonstrado por meio da capacidade de organização do grupo, da cultura, da música e da arte. Tudo o que o Olodum é, é fruto da busca pela valorização do negro.

– E para o seu consumidor?

– Acredito que, para o consumidor, somos referência em musicalidade e um símbolo da cultura baiana e negra. Nossas *performances* são aplaudidas em todo o mundo pelo som dos nossos tambores, mas também pela qualidade musical que apresentamos. Além disso, somos referência pelo nosso trabalho social e político. Embora o público nacional não conheça muito, no exterior somos bastante reconhecidos.

– Você acredita que as parcerias que o Olodum fez no passado contribuíram para a sua imagem ser reconhecida?

– O Olodum foi um dos primeiros grupos do movimento axé que tiveram a oportunidade de tocar no exterior. Quando fizemos a parceria com Paul Simon, por exemplo, os estrangeiros puderam ver que a música brasileira não se limitava à bossa nova. Viram que o Olodum era diferenciado, que somos ligados ao africanismo e rastafarismo, que nossas letras são repletas de conteúdo histórico. O Olodum deixou de ser um bloco afro local e virou um representante mundial da música baiana.

– Qual parceria seria a mais marcante?

– Embora a parceria com Paul tenha sido a nossa primeira oportunidade de levar o nosso nome para o mundo, a mais icônica foi a com Michael Jackson. A história do Olodum pode ser dividida entre antes e depois de Michael Jackson.

– Você lembra como essa parceria começou?

– Tem a ver com a parceira com Paul Simon. Quando fomos aos Estados Unidos, em 1990, ele nos apresentou a Spike Lee. Na época, fizemos um convite para ele visitar a Bahia, mas parecia impossível de acontecer. Em 1996, recebemos a ligação de uma amiga radicada em Nova Iorque, relatando que Spike Lee queria falar com alguém do Olodum porque estava vindo ao Brasil para gravar um clipe com Michael Jackson. Em conversa com ele, fomos convidados a participar da gravação do clipe no Pelourinho, com 200 tocadores. Ele nunca tinha trabalhado com Michael antes, mas foi contratado para fazer esse clipe. A ideia de vir ao Brasil e incluir o Olodum foi de Lee, e Michael concordou porque gostava dos brasileiros. Spike Lee sabia que nosso som tinha influência africana e gostava do nosso trabalho.

– Essa parceria com Michael acarretou alguma dificuldade para o grupo?

– No geral, a repercussão foi positiva, mas sofremos críticas negativas também. Na época, Michael era acusado de tentar se "embranquecer" e de não falar sobre questões raciais... Spike Lee era bastante polêmico e radical. Muita gente dizia que ele era um racista ao contrário. Fomos criticados por nos associarmos a duas pessoas com imagens polêmicas, e Michael, teoricamente, ia de encontro aos nossos princípios da luta negra. Éramos criticados também pelos negros por nos associarmos com gente branca, como Paul Simon. A parceria com Paul foi vista com desconfiança por nós mesmos, porque tínhamos criado uma imagem dos Estados Unidos e do capitalismo em nossas cabeças que nos impedia de avançar. Fomos criticados até por ex-moradores da Comunidade do Maciel por desenvolvermos atividades econômicas com a banda. Na época do clipe, teve comerciante aqui que não gostou. Reclamaram que a rotina tinha sido alterada por causa de um preto-branco como Michael e que a culpa dos transtornos causados pela gravação era dele.

– E os outros blocos afro da cidade, como reagiram?

– Alguns gostaram, mas outros criticaram. Não vou citar nomes, mas um grande grupo afro da cidade achava que Michael Jackson era um mau exemplo. O presidente deles disse que Michael era preto, mas fez de tudo pra ficar branco e negar suas origens. Ele não chegou a desmerecer a parceria, mas à boca pequena corre que algumas pessoas discordam das parcerias internacionais que fizemos. Até hoje, dizem que isso nos tornou *pop* demais e que perdemos o foco da luta negra. Não concordo, mas é o que dizem. Quanto a Spike Lee, acharam uma boa parceria. Na cabeça deles, Spike Lee era muito mais importante para a cultura negra do que Michael Jackson.

– O que mais você lembra?

– O Olodum é um dos maiores divulgadores da música popular de matriz africana, e acredito que a parceria com Michael Jackson foi determinante para que tenhamos alcançado muita visibilidade e reconhecimento. Nos ajudou a levar o nome do Olodum, do Pelourinho, de Salvador e do Brasil para o mundo. Embora tenhamos sofrido críticas, elas não se comparam aos efeitos positivos dessa parceria.

Gabriel agradeceu a Marcelo a atenção e se retirou da sala. Como não tinha muito o que fazer após a entrevista, decidiu ir fazer um lanche.

Ana, a sexta conversa: “Muita gente conhece como o grupo que tocou com Michael Jackson”

Ao chegar à lanchonete a que ia todas as tardes durante o seu intervalo, Gabriel se deparou com uma jovem que perguntava ao dono do estabelecimento como chegar à Casa Olodum. O dono, que já conhecia Gabriel, percebeu o jovem chegando e sugeriu que ele a acompanhasse até lá.

Gabriel comprou seu lanche e, em seguida, foi andando pelas vielas do Pelourinho, em companhia da jovem. Durante o caminho, os dois conversaram, e Gabriel descobriu que ela se chamava Ana, tinha 30 anos, morava em Fortaleza e estava em Salvador passando férias. Ana explicou que gostava muito do Olodum e queria ir à sede comprar alguns produtos do grupo. Gabriel aproveitou a oportunidade e perguntou a Ana se poderia entrevistá-la antes que ela fizesse suas compras. A jovem ouviu a explicação do rapaz sobre sua tarefa e concordou em ceder a entrevista.

Os dois subiram até a sala do estagiário, e Gabriel iniciou a entrevista.

– Ana, o que o Olodum representa para você?

– O Olodum é a voz do povo negro. Eu, como negra, me sinto representada pelo grupo. Lá em Fortaleza não tem nada parecido. A população negra é bem pequena, menos de cinco por cento. O Olodum é importante porque, mesmo não sendo de onde eu sou, consegue me representar no seu trabalho e me fazer sentir valorizada como pessoa.

– Como você percebe as parcerias que o Olodum fez no passado?

– Bom, eu sou jornalista e, como me interesse pelo Olodum há algum tempo, já pesquisei bastante sobre a história do grupo e sei que eles já fizeram inúmeras parcerias. Acredito que cada uma influenciou em alguma vertente do grupo, seja na banda ou no trabalho social que eles fazem, todas foram válidas.

– Para você, qual foi a mais marcante?

– Michael Jackson, em 1996. Lembro bem!

– Você acredita que essa parceria afetou a imagem do grupo?

– Com certeza! As boas alianças têm uma forte influência na marca de um grupo. Pelo que pesquisei, a mídia antes era composta pela elite baiana, que questionava muito o trabalho do Olodum, e essa parceria silenciou essas pessoas. A mídia tem força para derrubar qualquer organização, mas, com essa parceria, eles falaram muito bem, o que ajudou a fortalecer a imagem do Olodum no País e no mundo, diante da mídia internacional. Embora eu não seja daqui da Bahia, sei que foi importante para divulgar o Pelourinho e ajudou a divulgar o Brasil como um todo.

– Para você, como fã, teve alguma efeito?

– Na época, não, mas depois, sim. Quando a parceria foi feita, eu tinha 10 anos e morava no interior, não tinha muito acesso à informação e não conhecia o grupo. Anos depois, eu fui ver o clipe e me apaixonei. Para você ver, eu não vi na época que saiu, vi quase 10 anos depois. Essa parceria ficou eternizada, deu um aspecto de universalidade ao grupo.

– Ana, em relação aos produtos do Olodum, quais você consome?

– Em quase todas as minhas férias, venho a Salvador. Como é no final do ano, é época dos ensaios de verão, e vou a todos os *shows* que eles fazem enquanto estou na cidade. Ouço também a rádio Olodum e às vezes venho à loja comprar lembrancinhas para levar. Como venho pouco e não conheço bem as ruas do Pelourinho, nunca sei como chegar! – disse a jovem, rindo.

– O que você acha do preço cobrado pelos produtos?

– Acho um pouco caro. Sempre que vou aos *shows* no verão, vejo que a maioria do público é de turistas. Não sei se a época influencia, mas a maioria são turistas de fora da Bahia e muitos estrangeiros. Acredito que, assim como eu, a população local ache caro e que muita gente não tenha condições de pagar 100 reais num ingresso. Tenho amigos estrangeiros que já vieram ao Pelourinho e quiseram comprar tudo relacionado à parceria com Michael Jackson. Acredito que a parceria elevou o *status* do Olodum e estabeleceu o grupo como fornecedor de produtos de alta qualidade e únicos. Muita gente conhece como “o grupo que tocou com Michael Jackson” e vai pagar quanto for para poder ver o Olodum tocar de perto. Mas sei que fidelizar a população local pode ser difícil com o valor da entrada por 100 reais.

Gabriel agradeceu à entrevistada e a guiou de volta para a loja.

Pedro, a sétima conversa: “Fez com que o Olodum chegasse a outro nível”

No dia seguinte, Gabriel chegou ao estúdio animado. Pedro, o conselheiro, era jovem, mas conhecia bastante a organização e poderia contribuir muito para a pesquisa de Gabriel. Pedro é *designer* e expressa uma grande admiração pelo Olodum. Acompanha o grupo desde pequeno e sustenta com orgulho a oportunidade de ser conselheiro do grupo. Os dois jovens seguiram para a sala de reuniões, onde a entrevista seria realizada.

– O que o Olodum significa para o seu consumidor?

– Representa a luta e resistência dos grupos afro do Brasil. Quem consome o que o Olodum oferece tem orgulho disso. – falou o rapaz, de modo firme. – Qualquer brasileiro, fã ou não, tem uma ideia do que o Olodum representa. É uma organização única, com potencial de crescer ainda mais. Já tem mais de 30 anos de história e tem potencial para crescer muito mais.

– E para você, o que significa?

– Tradição e globalidade ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que é relevante para a comunidade local, para a história dos negros de Salvador e do Brasil, se tornou uma marca reconhecida como símbolo do Brasil no mundo, e isso me dá muito orgulho. Em qualquer lugar a que você vá com uma camisa do Olodum, as pessoas vão reconhecer como algo relevante e lembrarão da Bahia. A imagem da Bahia contemporânea é totalmente associada à imagem do Olodum

– Você acredita que as parcerias que o Olodum estabeleceu no passado contribuíram para a sua imagem ser reconhecida?

– Acho que foram fundamentais! O Olodum era um grupo local, e ainda é, mas quando começou era bem específico. Só se torna um grupo nacional e internacionalmente conhecido quando começa a fazer grandes parcerias, como as com Paul Simon, Michael Jackson, Spike Lee... Enfim, isso fez o grupo tomar uma dimensão muito maior do que a local, e acredito que o grupo conseguiu gerir esse processo muito bem.

– Qual parceria você considera a mais marcante?

– Todas as parcerias foram importantes. Mas a mais relevante foi a com Michael e Spike Lee, em 1996. Michael foi e sempre será o rei do *pop*, e isso abriu muito o mercado nos Estados Unidos para o Olodum. Consequentemente, abriu para o resto do mundo, por conta de o país ter um mercado de economia criativa muito forte e ter influência em todo o mundo. A primeira parceria foi com Paul Simon, quando o Olodum conseguiu alcançar uma faixa de consumidores mais interessados em *world music*, em música étnica... Na parceria com Spike Lee e Michael Jackson, o grupo acessou uma outra faixa, mais interessada na música *pop*, contemporânea. Isso fez com que o Olodum chegasse a outro nível.

– Como essa parceria foi firmada? Foi intencional?

– Não sei dizer com certeza, mas acredito que não tenha sido intencional. Sempre existiu a vontade do grupo e da diretoria de expandir a luta e se conectar com o resto do mundo. Mas parece que essas parcerias foram fruto do acaso. Essas pessoas vieram a Salvador, viram o potencial do Olodum e entraram em contato... Vejo esse processo como uma via de mão dupla. Precisa haver o interesse de fora, mas a instituição também precisa estar aberta. O Olodum é isso: uma instituição aberta que faz com que as oportunidades cheguem.

– O grupo teve alguma dificuldade gerada por essa parceria?

– Não acompanhei, por isso não sei. Mas posso falar pela crítica de hoje. Muitas pessoas não entendem ainda a importância do Olodum, não entendem o legado do grupo, minimizam o Olodum. Acredito que naquela época o grupo tenha sofrido com esses mesmos problemas... Questionamentos sobre por que fazer uma parceria como essa pessoa, por que não focar mais o local? As pessoas pensam que o Olodum perde a tradição por ter se jogado no mundo, principalmente outros grupos afro.

– O que você lembra mais sobre essa parceria?

– Com essa parceria, o Olodum conseguiu alcançar outro nível de visibilidade local. O clipe foi exibido na MTV, em outras emissoras de TV americanas, e fez com que as pessoas conhecessem mais o Olodum. Fez com que negros de outras partes do mundo se identificassem com o grupo. Acho que tornou a Bahia mais atrativa, contribuiu com a internacionalização do movimento negro, liderada pelo Olodum. Atualmente, viajamos pelo mundo todo fazendo parcerias para reafirmar a luta negra, e isso é reflexo do momento em que o Olodum firmou essas primeiras parcerias internacionais. A parceria com Michael Jackson e Spike Lee foi crucial pra alcançar as massas globais.

Gabriel agradeceu a participação de Pedro e foi direto para sua sala. Lá, começou a rever as entrevistas feitas e decidiu buscar alguém que tivesse participado ativamente das parcerias apontadas pelos entrevistados. Imediatamente, o jovem pegou seu telefone e ligou para Antônia; ela deveria saber com quem ele poderia falar!

Raimundo, a última conversa: “Vê-lo de perto foi vibrante”

Após conversar com Antônia, conseguiu agendar uma entrevista com o presidente da organização, Raimundo. Gabriel sabia o quão difícil era conseguir marcar um horário com ele, já que Raimundo trabalhava bastante fora da sede, e por isso ficou muito feliz quando Antônia conseguiu um horário para ele. Na hora marcada, Gabriel foi até a sala de Raimundo para realizar a sua última entrevista.

– Nina me disse que você já conversou com Pedro, não foi? Imagino que ele já tenha te falado bastante coisa!

– Sim! – confirmou o jovem. – A conversa com ele foi bastante enriquecedora. Soube que ele estava com você na viagem aos Estados Unidos com Paul Simon. Você pode falar um pouco mais sobre essa experiência?

– Em outubro de 1990, fomos a Nova Iorque com Paul Simon, para gravarmos um programa para emissora de televisão americana HBO. Enquanto estávamos ensaiando, Paul Simon nos perguntou o que gostaríamos de fazer na cidade. Nós conhecíamos o filme de Spike Lee, “Faça a Coisa Certa”, e dissemos que gostaríamos de conhecê-lo. Paul nos levou até a loja dele no Brooklyn. Conversamos e dissemos que gostaríamos muito de fazer alguma coisa com ele, e o convidamos pra visitar a Bahia. Seis anos depois, em fevereiro de 1996, Spike Lee veio à Bahia com Michael Jackson pra gravar um clipe com o Olodum. O mais interessante disso tudo é que quando fomos visitá-lo no Brooklyn foi apenas com o intuito de agradecer o trabalho dele no cinema, pela defesa da causa negra. Mas isso acabou virando uma parceria. Ele gostou do nosso trabalho, e isso é motivo de grande orgulho para o grupo. Poder fazer uma parceria com um grande artista como ele, poder divulgar o Pelourinho e a Bahia para o mundo por meio da música com Michael Jackson é motivo de grande orgulho.

– Raimundo, essa parceria afetou a imagem do grupo?

– Afetou não só a imagem do grupo, mas a imagem da Bahia e até o turismo no estado. A Bahia, naquela época, não era tão conhecida. Quando um artista com a repercussão de Michael Jackson vem fazer algo aqui, evidentemente, tem repercussão para o País, o estado, a cidade, o Olodum e o Pelourinho. Essa parceria permitiu ao Olodum levar para fora do Brasil a ideia de ação social, a raça Olodum, as cores do Olodum, a nossa causa. O encontro em 1996 foi um divisor de águas na nossa história. Na época foi polêmico, mas não podemos negar que estávamos diante de um encontro de gigantes. De um lado, um artista negro da música afro-americana, o rei do *pop*, e, do outro, um grupo do *samba-reggae*, da música originária do povo negro, da África, de Cuba, do afro-americano. Em fevereiro de 1996, durante dois dias, gravamos um dos principais clipes da história da música até hoje. Na época, 450 milhões de pessoas viram o clipe. Quando Michael Jackson morreu, mais de um milhão de pessoas viram o clipe. Até hoje, é um dos principais símbolos da Bahia, do Olodum, do Pelourinho e de Michael Jackson.

– Você acabou de citar que foi polêmico. Poderia explicar melhor por que foi polêmico?

– Quase tudo do Olodum é envolvido em muita polêmica! No caso de Michael Jackson não foi diferente, teve muita polêmica. As críticas diziam que ele não era negro, Michael Jackson era do *pop*, que não tinha nada a ver com o *samba-reggae*, que ele era muito diferente, musicalmente, do Olodum. Falavam que parceria com Michael não era importante, não era prioridade. Essa parceria gerou uma polêmica, em especial, que foi a possibilidade de mostrar ao negro que ele pode fazer grandes coisas, ter as mesmas oportunidades que qualquer outra pessoa poderia ter, independentemente da sua cor.

– Como o grupo lidou com essa situação?

– Apesar das críticas dizendo que ele não era negro, que ele não queria saber de negro, que só queria se aproveitar dos pobres para se promover, não foi isso o que ele mostrou aqui no Pelourinho. Uma das imagens que temos dele com o Olodum é ele saudando a banda, visivelmente emocionado. Naquele momento, ele teve um pouco da África perto dele. Ele teve a visão dos tambores africanos fora da África. Ali estava a negritude de que talvez ele sentisse falta. Isso a polêmica ignora... Mas fomos à luta! Falamos dos nossos motivos para aceitar a parceria na *Folha de S. Paulo*, falamos na BBC. Independentemente da polêmica, se ele era negro ou não, cabe ao Olodum estudar, se informar e fazer as coisas, corretamente. Para o grupo, a parceria foi correta, assim como todas as outras que fizemos. Foi correto trazer grandes nomes da música internacional para a Bahia.

– Como foi ter esse contato tão próximo com ele e com Spike Lee?

– Eu admirava Spike Lee pelo trabalho no cinema. Passeou com a gente pelo Pelourinho. Tocou com os tocadores do grupo. Foi muito receptivo. Já com Michael Jackson, acompanhei o Jackson Five, usei o *black power* igual ao dele, minha turma do colégio era fã dele. Eu tinha toda uma admiração pelo artista. Ter ele aqui foi maravilhoso. Vê-lo de perto foi vibrante. Na

oportunidade que tivemos de viver e conhecer Michael, apesar de todas as críticas que faziam, ele se mostrou um cara bem na dele, tranquilo, mesmo sendo quem ele era.

Gabriel olhou para o relógio e percebeu que só tinha tempo para mais uma pergunta. Se apressou e perguntou a Raimundo se ele acreditava que o Olodum teria o mesmo nível de reconhecimento nacional e internacional se não tivesse feito a parceria com Michael Jackson.

– Não teria, porque não é assim que o mundo funciona, entende? O mundo está em movimento constante, e quem não se movimenta, não evolui. Essa parceria abriu diversas portas, nos permitiu visitar diversos lugares. O mundo só vai saber de você se você se movimentar. Foi isso que o Olodum fez. Extrapolamos as paredes do Pelourinho, da Bahia, e caminhamos em direção a tudo que existe no mundo. Tiramos algo de bom em cada coisa que fizemos. Acho que esse é o diferencial do Olodum.

Gabriel agradeceu a Raimundo o tempo dedicado a ele e saiu da sala com a sensação de que havia conseguido o que faltava. O jovem voltou para sua mesa e começou a rever o material. Foram dias muito intensos, de muitas conversas. Agora, era a hora de concluir: elaborar uma nova estratégia de gestão para o Olodum. Pegou seus óculos, sentou-se à mesa e, com grande empolgação, disse para si mesmo: “Vamos ao trabalho!”.

Informações complementares sobre o Olodum

Histórico da organização Olodum

O Grupo Cultural Olodum é uma instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública, criado em 25 de abril de 1979 como bloco afro no Pelourinho, Comunidade do Maciel, em Salvador, Bahia. O grupo foi fundado por Antonio Luís Alves de Souza, conhecido como Neguinho do Samba e criador do *samba-raggae* juntamente com Mestre Jackson. Influenciados pelo movimento de apropriação da identidade negra na sociedade baiana iniciado pelo Ylê Aiyê – primeiro bloco afro do Brasil –, surgem grupos como o Malê de Balê e Muzenza, criados no final dos anos 1970, que passaram a marcar presença no Carnaval, defendendo e valorizando a cultura negra, até então pouco evidenciada no contexto cultural baiano. O Olodum surge nesse cenário de afirmação étnica e cultural, com o objetivo de combater o racismo no Carnaval baiano e contar a história do povo negro por meio das suas músicas.

No início de suas atividades, o Olodum era frequentado, em grande parte, pelos moradores da comunidade do Pelourinho (Figura 1) e sofria com o preconceito. Na época, acreditava-se que o grupo era um aglomerado de prostitutas, drogados, gays e traficantes (Fischer, Dantas, Silva, & Mendes, 1993). O grupo passou por problemas operacionais, administrativos e financeiros, além de ter dificuldades de estruturação por conta dos 800 componentes que possuía. O baixo poder aquisitivo de seus integrantes se tornou uma barreira para o grupo a partir do momento em que não tinham mais condições financeiras de se manter.



Figura 1. Olodum no Largo do Pelourinho em 1981
Fonte: Guerreiro (2000).

A competição entre os blocos se tornou evidente, e o Olodum se encontrava em desvantagem diante de grupos bem-estruturados economicamente e organizacionalmente (Dantas, 1994). Em 1983, o grupo enfrentou uma grande crise e não desfilou no Carnaval. Diante do cenário catastrófico, o grupo passou por uma reestruturação e passou a se chamar Grupo Cultural Olodum, com objetivos mais amplos, promovendo atividades culturais, de divulgação e valorização da cultura negra, além de contar com diversas atividades de caráter sociocomunitário.

O Olodum buscou recuperar a história da comunidade e valorizar seus moradores, em uma tentativa de promover a autoestima de uma população que há muito sofria com a marginalização. O grupo começou a ganhar cada vez mais destaque no Carnaval baiano, graças à sua ousadia, que o diferenciava dos demais blocos afro de Salvador (Figura 2).

O Olodum é conhecido por seu ritmo musical singular, o *samba-raggae*. Ao modificar os tambores tradicionais em busca de novas sonoridades e afinações, Neguinho do Samba criou o novo ritmo, que mais tarde passou a ser associado ritmicamente à Bahia e à singularidade da sonoridade local. O novo ritmo mudou o cenário musical baiano e levou a percussão baiana para o mundo. Graças às suas características únicas, o Olodum obteve um grande reconhecimento da comunidade internacional, algo difícil no cenário dos grupos afro baianos até o momento.



Figura 2. Bloco Olodum no Campo Grande, Carnaval de 1990

Fonte: *Jornal A Tarde*.

Além de mudar o cenário do Carnaval baiano e resgatar a identidade cultural da comunidade a que pertencia, o grupo se destacou também ao fugir do modelo tradicional de organizações não governamentais. Por trabalhar promovendo a cultura por meio da música e da cultura negra e promover ações sociais, o Olodum possuía a viabilidade econômica necessária para levar ao mercado a cultura negra afro-baiana (Dantas, 1994). Graças ao seu trabalho diferenciado, o Olodum ajudou a resgatar a identidade cultural e étnica do povo negro baiano. Começando apenas como bloco afro local e chegando ao *status* de divulgador da cultura baiana internacionalmente, o grupo fomentou a arte por meio da música e de suas atividades socioculturais com base na cultura e valores africanos. Com suas atividades, o Olodum busca combater a discriminação racial, estimular a autoestima afrodescendente e lutar para assegurar os direitos civis e humanos.

Atividades

Atualmente, o Olodum se divide entre o bloco de Carnaval, banda, TV, rádio e Escola Olodum.

Banda Olodum



Figura 3. Banda Olodum na Terça da Bênção em 2015
Fonte: *Jornal Online Agora na Bahia*.

A Banda Olodum (Figura 3) foi criada em 1987, estreando no mercado musical com o álbum “Egito Madagascar”. Tocando o ritmo *samba-reggae*, a Banda Olodum se destacou no cenário baiano por conta de sua musicalidade única. Inicialmente com letras marcadas pelo forte teor ideológico, atualmente o grupo busca mesclar história e atualidade.

Entre as várias conquistas da banda, se destacam 35 prêmios nacionais e internacionais, 25 CDs e LPs nacionais e 14 internacionais, um disco de diamante, um disco de platina, três discos de ouro, dois DVDs nacionais e quatro internacionais, além de participação em mais de 35 festivais internacionais. No total, o grupo possui um histórico de 49 parcerias entre artistas nacionais e internacionais.

O grupo participou da faixa "The Obvious Child", do disco "The Rhythm Of The Saints de Paul Simon" (Figura 4) em 1990, música que fez um grande sucesso mundial e teve o clipe exibido em mais de 100 países. O contato com Paul Simon levou o Olodum a Nova Iorque para a gravação de um programa de televisão, e lá o grupo teve contato com o diretor de cinema Spike Lee (Figura 6). Em 1996, o Olodum participou do clipe "They Don't Care About Us", do cantor Michael Jackson (Figuras 5 e 7), dirigido por Spike Lee. A parceria de Michael Jackson levou o nome do Olodum para o mundo, mostrando a Bahia e o Pelourinho em seu videoclipe. Posteriormente, o grupo trabalhou com artistas renomados, como Wayne Shorter, Herbie Hancock, Jimmy Cliff, Zig Marley e Alpha Blondy.

Em 1991, o grupo participou de seu primeiro festival internacional, o Festival de Arte de Nova Iorque, no Central Park. No mesmo ano, o Olodum teve a oportunidade de tocar com Paul Simon para um público de 750 mil pessoas. O grupo teve a oportunidade de ir a Nova Iorque várias vezes, participando anualmente do *Brazilian Day*, evento que celebra a cultura brasileira na cidade. Além de suas parcerias, o grupo já se apresentou em 37 países, estando presente em duas aberturas de Copa do Mundo de Futebol. Com sua musicalidade única, o Olodum conquistou o cenário musical nacional e internacional, tornando-se uma das bandas percussivas de maior sucesso no Brasil e no mundo.



Figura 4. Paul Simon gravando com o Olodum no Pelourinho em 1990
Fonte: Jornal A Tarde.



Figura 5. Michael Jackson e Olodum na gravação do clipe “They Don’t Care About Us” em 1996
Fonte: Uol.



Figura 6. Michael Jackson e Spike Lee no Pelourinho, 1996
Fonte: Blog Cartas Para Michael.



Figura 7. Michael Jackson e Músico do Olodum no Pelourinho, 1996
Fonte: Blog Cartas Para Michael.

Repercussão das parcerias

O Olodum sempre viu suas atividades permeadas por polêmicas, e com as parcerias não foi diferente. A colaboração feita com Spike Lee e Michael Jackson rendeu ao grupo críticas e questionamentos sobre a sua relevância para a história do grupo. Apesar de a maioria das críticas ser dirigida aos parceiros, o Olodum sofreu com críticas de outros grupos afro.

Na época, jornais de grande circulação, como O Globo e Folha de S. Paulo, circularam informações sobre a parceria do Olodum com Spike Lee e Michael Jackson, bem como críticas negativas aos dois. Michael Jackson sofria com críticas que diziam que o artista não se considerava negro e não gostava de negros. Dias antes da gravação do clipe, o jornal Folha de São Paulo publicou uma entrevista com o presidente do bloco afro Ilê-Aiyê, na qual este questionava a relevância da parceria com Michael Jackson por conta da postura do artista em relação à cultura negra. Nas Figuras 8, 9, 10 e 11, encontram-se trechos de matérias publicadas nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo na época das parcerias.

Presidente de bloco afro critica "exemplo" de Michael Jackson

LUIZ FRANCISCO
DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR

Presidente de bloco afro critica "exemplo" de Michael Jackson
Antonio Carlos dos Santos diz que pop star renegou sua raça e é mau exemplo para a comunidade negra

O presidente do bloco afro Ilê-Aiyê, Antônio Carlos dos Santos, disse ontem em Salvador (BA) que o cantor Michael Jackson não é um "bom exemplo de trabalho para a conscientização da cultura negra". Mais conhecido como "vovô", Santos, que este ano é coordenador do Carnaval de Salvador, disse que o cantor Michael Jackson "renegou" a sua raça. "Ele era preto e fez de tudo para tornar-se branco", afirmou.

O cantor Michael Jackson deve gravar um clipe no próximo sábado com a participação de 200 integrantes da banda do Olodum.

Segundo Santos, a presença de Michael Jackson não desmerece o trabalho realizado pelo bloco Olodum. "O Olodum e o cantor são profissionais e sabem muito bem o que querem".

Vovô disse ainda que o cineasta Spike Lee -que vai dirigir as gravações- é muito mais importante para a cultura negra do que o cantor pop americano.

"Spike Lee nunca quis mudar de cor e sempre lutou pela igualdade dos direitos".

Segundo ele, a sociedade sempre mostrou que o branco é "mais capacitado" que o negro. "Parece que o Michael Jackson acredita neste absurdo", afirmou.

Figura 8. Entrevista com Presidente do Bloco Afro Ilê-Aiyê para o Jornal Folha de São Paulo, 1996
Fonte: Acervo Folha de S. Paulo.

2•SEGUNDO, CADERNO

AFFONSO ROMANO
DE SANT'ANNAEles também
não ligam

• Michael Jackson já se foi, mas ficaram vários equívocos sobre sua contraditória passagem pelo Brasil. E se fizéssemos uma análise sobre o que se escreveu a respeito da gravação daquele clipe, lá no Pelourinho e na favela Dona Marta, teríamos, além de uma análise desse grande mito da música americana, uma sintomática radiografia da ideologia brasileira e da hipocrisia americana.

O primeiro equívoco a propósito de Michael Jackson surge quando em torno dele se arrematam lutadores de causa negra aqui ou nos EUA, como a dizer, ele é um dos nossos, vamos apoiá-lo na denúncia que está fazendo sobre as mazelas de nossa sociedade. O mal entendido reside no fato de que Michael Jackson não é preto. Ao contrário, tem horror a preto, sobretudo ao preto que há nele e que ele julga ter apagado ao passar alvalade sobre a pele de sua consciência.

Para sua infelicidade, também não é branco.

Outro mal entendido é sobre Spike Lee, o cineasta que veio dirigir o clipe. Sua obra de cineasta é confusa. Em alguns casos é difícil saber se ela está fazendo uma obra de denúncia do racismo ou se é racista ela mesma.

Figura 9. Crítica a Michael Jackson e Spike Lee no jornal *O Globo*, 1996

Fonte: Acervo *O Globo*.

JOÃO JORGE SANTOS RODRIGUES

Estávamos considerando que este seria mais um Carnaval comum da Bahia e do Olodum quando um telefonema de Ana Meire, nossa amiga baiana radicada em Nova York, tocou para avisar que Spike Lee queria falar com alguém do Olodum, pois o mesmo estava vindo ao Brasil, Bahia, para fazer um clipe com o Olodum da música "They Don't Care About Us", de Michael Jackson.

Imediatamente vieram à minha mente os anos 60 e 80 e as nossas diferenciadas formas de ser negros e de viver em sociedades diferentes. Era como se fosse um filme em preto e branco.

Para a minha geração em Salvador, que aprendeu a ver nos Jackson Five uma referência, garotos negros com cabelos "black power" e com gestos finos de dançar nos bailes de 15 anos, com calças bem transadas, sapatos de saltos altos e valorizando o nosso nariz chato e bonito, será uma surpresa encontrá-lo agora na capital da negritude brasileira, embranquecido e cada vez mais adorado.

E, por ironia do destino, Michael Jackson vem acompanhado de Spike Lee, o mais bem-sucedido e polêmico diretor negro de cinema americano.

Para nossa satisfação o furacão da negritude brasileira, o Olodum do Maciel-Pelourinho, a organização não-governamental popular que mobilizou multidões na luta contra o racismo na Bahia nos anos 80, foi convidado para participar da gravação de um clipe com 200 percussionistas no Largo do Pelourinho.

Nós, o Olodum, Michael Jackson e Spike Lee temos muitas coisas em comum e outras muitas coisas diferentes.

Em comum o fato de ser negro em sociedades multirraciais, a atividade artística e a inserção dessa atividade num universo dominado tradicionalmente por brancos.

As diferenças podem ser vistas de muitos modos: Michael Jackson é acusado de não tratar diretamente da questão racial e de tentar embranquecer. Spike Lee é considerado um radical feroz e um racista ao contrário, por estimular a comunidade negra a tomar uma atitude. Já o Olodum é criticado pelos negros por permitir que brancos desfilem no Carnaval, e é considerado radical por brancos que acusam o Olodum de defender apenas a parcela da população que é pobre e negra. Ou ainda pelos ex-moradores do Maciel-Pelourinho que nos criticam por desenvolver atividades econômicas, como a Fábrica de Carnaval, a butique e a produtora de shows.

Figura 10. Entrevista com João Jorge, Presidente do Olodum, sobre Michael Jackson e Spike Lee, para o jornal *Folha de S. Paulo*, 1996
Fonte: Acervo *Folha de S. Paulo*.

Segunda-feira, 29 de outubro de 1990

O GLOBO

DISCOLÂNDIA

O safári cultural de Paul Simon

ANA MARIA BAHIANA
Especial para O GLOBO"The rhythm of the saints" —
Paul Simon. Produzido por Simon.
Lançamento (EUA): Warner

LOS ANGELES — Outro dia, vi um cartum na revista "Spy": no meio da selva, Paul Simon dá de cara com David Byrne. Os dois estão vestidos como exploradores, e visivelmente espantados com o fato de o outro estar ali. A legenda diz algo como "Paul Simon e David Byrne comparam anotações para seus novos discos". Eu ri. Ficaram faltando Sting e Peter Gabriel, pensei. Esta é a estática cultural que se interpõe entre um ouvinte brasileiro e o novo disco de Paul Simon. Algo que tem a ver com o fato de ele ser mais um desses safáris culturais que os ricos e famosos do Primeiro Mundo empreendem quando estão sofrendo de bloqueio criativo; e Simon, justiça seja feita, vem por essa trilha há algum tempo, mesmo antes do aclamado "Graceland", ou alguém esqueceu a música andina em "El Condor pasa" e a jamaicana em "Mother and child reunion"?

"The rhythm of the saints" é sobre um desses safáris em busca de inspiração e especiarias nas reservas extrativistas do Mundo, castanha, pimenta, borraça, café, tambores; nestes dias que correm, somos lembrados na mídia não por nossa arquitetura, futebol ou literatura, mas por nossas selvas e matérias-primas. Saem Oscar Niemeyer e Tom Jobim, entra Chico Mendes. Safáris culturais, diga-se de passagem, vedados a músicos e compositores das reservas extrativistas. Quando, este ano, os Paralamas mostraram, em Nova York, exatamente a mesma fúria África Ocidental/Bahia que Simon exercita em "The rhythm of the saints", a crítica bem-pensante, "New York Times" à frente, caiu de pau neles, alegando, entre outras coisas, que "não soavam brasileiros". Brasileiros devem soar "brasileiros". Castanha, laranja, café. Paul Simon pode. Paralamas não pode.

Algo que tem a ver com a condescendência morna e branda em volta do projeto. Com a atitude deve-ser-bom-para-eles-que-alguém-como-ue-



Simon e o Olorum durante as gravações do seu disco. Mais tarde, o cantor confundiria o Olorum com o Uakti

grave-esta-música. Com o modo como Paul Simon confunde Uakti e Olorum quando dá entrevistas aos jornalistas americanos ("Aí eu fui para o Norte e encontrei este grupo fantástico de percussionistas... Uakti"). Ou quando ele diz que não há estúdios de gravação em Salvador, e por isso ele teve que mandar vir equipamento do Rio e gravar na rua,

com microfones suspensos. Nos erros de grafia e impressão que, no encarte, ocorrem apenas nos textos em português; letras de música, nomes de músicos. Eu gostaria, sinceramente, que esta estática cultural não se interpusesse entre eu e "The rhythm of the saints", e eu pudesse apreciar o trabalho de Simon sem distrações, com a mesma inocência

de meus colegas americanos, para quem a grande pergunta é se Simon conseguiria repetir o sucesso estrondoso de "Graceland".

Porque, colocadas de lado as grandes questões do colonialismo cultural — que, na verdade, devem ser respondidas mais por nós do que por eles — "The rhythm of the saints" é

um ótimo disco. Não é, decerto, um disco de música brasileira ou afro-brasileira interpretado por Paul Simon. É um disco de Paul Simon, temperado por elementos seletos de música brasileira e africana.

O interessante, justamente, é ver como Simon leu e anotou este material. A mbaqanga sul-africana de "Graceland" era essencialmente um estilo vocal, melodicamente simples e harmonicamente complexo, que se entrelaçava bem com o approach delicado de Simon. Em "The rhythm of the saints" Simon está lidando com forças mais pesadas; com a usina polirrítmica com que África e Brasil foram abençoados. É curioso ouvir como Simon se adaptou a esse desafio: às vezes, como na faixa de abertura, "The obvious child", o rolo compressor do Olorum fica o tempo todo no encaixe da voz de Simon, um monstro de couros rugindo sob a melodia, ameaçando a todo instante romper as barreiras e engolir o cantor, seus projetos pan-culturais e suas boas intenções.

Com o Uakti, que aparece nas faixas "Can't run but" e "The rhythm of the saints", o equilíbrio é mais exato; especialmente em "Can't run but". Dá vontade de imaginar o que aconteceria se, em vez de se dispersar em tantos continentes, Simon e o Uakti colaborassem num único projeto.

Milton Nascimento, que tem uma aparição quase etérea em "Spirit voices" — cantando em português versos escritos por ele mesmo, traduzidos com exatidão por Lize Bravo e impressos no encarte com quase todos os erros de grafia possíveis de serem cometidos — é outro que atifa a curiosidade do ouvinte: há algo de dramático no choque de sua voz robusta com o tênue tenor de Simon. Em quase todas as outras faixas, Simon salpicou brandamente os tempos de sua moqueca musical, trabalhando basicamente com um forro de percussão brasileira — Marçalzinho, Pedro Sorongo, Sidinho, Wilson das Neves, pequenos solos de Naná Vasconcelos — rebordado por guitarras africanas.

O resultado é uma espécie de samba soft, que, nos momentos mais esportivos, tem mais ecos dos Paralamas e da moderna música baiana do que Paul Simon e a inteligência no-vaiorquina poderiam — ou gostariam de — supor.

Figura 11. Matéria sobre Paul Simon no jornal *O Globo*, 1990

Fonte: Acervo *O Globo*.

Escola Olorum

Criada em 1984 a partir do projeto "Rufar Tambores" e com mais de 30 anos de história, a Escola Criativa Olorum (Figura 12) é a vertente social do Grupo Cultural Olorum. O projeto é uma iniciativa pioneira na educação popular afro-brasileira, ajudando a construir uma identidade cultural para crianças e adolescentes de escolas públicas e bairros socialmente vulneráveis. A escola oferece diversas atividades artísticas e cursos multidisciplinares. O projeto é uma referência nacional e internacional, por conta de sua inovação no trabalho com arte, educação e pluralidade cultural (Olorum, 2016). Entre as atividades promovidas pela escola, estão a percussão, dança afro, canto, empreendedorismo cultural, informática cultural, formação de lideranças, consultoria para escolas, visitas guiadas, *workshops* e seminários.



Figura 12. Escola Criativa Olodum ensaiando em frente à sua sede no Pelourinho, 2014

Fonte: *Blog Mestre Jackson.*

Eventos

Além de participar de eventos populares, como o Carnaval, a festa do Senhor do Bonfim e a festa de Iemanjá, o Olodum organiza eventos próprios, como a Terça da Bênção, o Domingo do Olodum e o Femadum, festival de música afro com participação de diversos artistas nacionais e internacionais. Com a Escola, promove-se anualmente o desfile do Bloco Afro Olodum Mirim e o Femadunzinho, uma versão do Femadum (Figura 13) para os alunos da Escola Olodum.



Figura 13. Femadum (2016)

Fonte: *Jornal Online Política na Bahia.*

Cronologia das obras culturais da Organização Olodum

Artista	Ano	Parceria
Paul Simon	1990	Música e videoclipe de “The Obvious Child”, <i>show</i> em Nova Iorque e programa de TV na emissora HBO
Sandra de Sá	1990	Música “Charles Anjo 45” e participação na Terça da Bênção
Herbie Hancock e Wayne Shorter	1992	Música “The Seven Powers”
Jimmy Cliff	1992	Músicas “Breakout” e “War a Africa” do CD Breakout. Regravação da música “Woman no Cry” de Bob Marley
Ziggy Marley	1996	CD Ruffles Raggae
Michael Jackson	1996	Música e videoclipe “They Don’t Care About Us”
Sepultura	1996	Álbum “Roots”
Koko Dembele	1997	Música “Amagni”
Gal Costa	1998	Música “Revolta Olodum”
Matisyahu	2007	Festival de Verão Salvador
Alpha Blondy	2007	Participação em DVD da banda, com a música “Bahia”
Andrew Tosh	2010	DVD Olodum, com a música “Rastafari”
Sadao Watabane	2011	Festival de Verão Salvador
Salif Keita	2011	Participação em <i>show</i> do cantor em Salvador
Claudia Leite	2011	Música “Exilir” do CD AXEMUSIC (ao vivo)
Inner Circle	2011	Terça da Bênção
Kimbra	2013	<i>Show</i> no Rock In Rio
Pitbull, Claudia Leite e Jennifer Lopez	2014	Música e clipe tema da Copa de 2014
Caetano Veloso	-	Participação em vários <i>shows</i> pelo Brasil
Ivete Sangalo	-	Participação em vários <i>shows</i> , gravação de DVD e Terça da Bênção
Margareth Menezes	-	<i>Shows</i> e participação no Carnaval de Salvador
Daniela Mercury	-	<i>Shows</i> e participações na Terça da Bênção

Tabela 1. Principais parcerias do Olodum
Fonte: Elaboração própria.

AS REVIRAVOLTAS DA ADOÇÃO DO VALOR SIMBÓLICO NO GRUPO CULTURAL OLODUM
Eduardo Davel, Joyce Neri dos Reis Neves

Ano	Tema
1980	Olodum na sexta-feira
1981	Festa para o Rei de Oyo, Nigéria
1982	Guiné-Bissau
1984	Tanzânia
1985	Moçambique
1986	Cuba
1987	O Egito dos Faraós
1988	Madagascar
1989	Núbia, Axum Etiópia
1990	Do Deserto do Saara ao Nordeste Brasileiro
1991	Da Atlântida à Bahia, o Mar é o Caminho
1992	Índia, os Caminhos da Fé
1993	Os tesouros de Tutankhamon
1994	O Tropicalismo, o Movimento – um reencontro com a Bahia, com o Brasil e as culturas dos povos dos Trópicos
1995	Os Filhos do Sol
1996	Os Filhos do Mar
1997	Roma Negra – Os gladiadores da negritude
1998	A Revolta dos Búzios – 200 anos da Rota da Liberdade
1999	Os Filhos do Fogo – Uma homenagem a Xangô
2000	Do Egito à Bahia, O Caminho da Eternidade – Ramsés II
2001	África, Ásia, Brasil – Os Três Mundos
2002	A Nova Tenda dos Milagres
2003	A Lenda do Arco-Íris
2004	Tuaregues – Guerreiros do Deserto Africano
2005	O Casal Solar, Akhenaton e Nefertiti – O Monoteísmo Africano
2006	Angola – A Pátria Mãe de Milhões de Brasileiros
2007	Marrocos – O País dos Sentidos
2008	África do Sul – A Origem da Vida
2009	Povo Dogons (Mali)
2010	Índia, Brasil, África do Sul – A Terceira visão
2011	Tambores, Papiros e Twitter
2012	Vale dos Reis – As Sete Portas da Energia
2013	Samba, Futebol e Alegria – Raízes do Brasil
2014	Ashanti – O Trono Dourado – Yaa Yasantewa
2015	Etiópia. A Cruz da Lalibela. O Pagador de Promessas
2016	Brasil, Mostra a Tua Cara! Sou Olodum, Quem Tu És?

Tabela 2. Temas utilizados nos Carnavais
Fonte: Olodum

Evento	Descrição
Domingo Musical do Olodum	“Os ensaios do Domingo Musical têm a base percussiva e a força cultural de matriz africana, é um espetáculo de caráter popular oferecido ao cidadão soteropolitano. Este evento tem o compromisso de democratizar os produtos culturais e artísticos, incentivando o acesso a eventos e espetáculos culturais” (Olodum, 2014).
Terça do Olodum	“A Terça da Bênção, como é conhecida na Bahia, deriva de uma prática da Igreja Católica que distribui alimentos para os necessitados, acompanhada de uma missa às terças-feiras, no Pelourinho. A Terça da Bênção ou Terça do Olodum se consolidou como espaço múltiplo e privilegiado de expressão cultural negra em Salvador. Os espetáculos musicais, que contam com diversos convidados, visam divulgar a tradição baiana aos habitantes, visitantes e turistas, ocorrendo anualmente no período da alta estação” (Olodum, 2014). A festividade conta também com a participação de artistas do cenário musical local, nacional e internacional.
Femadum(Festival de Música e Artes do Olodum)	“É realizado anualmente no Pelourinho, em Salvador, e é considerado o maior evento afro-musical do país. Organizado pelo Olodum, é gratuito, e durante os últimos trinta e três anos contou com a presença de aproximadamente cem mil pessoas. Do festival, já participaram diversos grupos artísticos, particularmente aqueles vinculados à cultura negra, de artistas a personalidades de renome nacional e internacional, tais como Sandra de Sá, Pierre Verger e Luiz Melodia” (Olodum, 2014).

Tabela 3. Festividades organizadas pelo Olodum

Fonte: Olodum